

OLHA AÍ!

ANO 1 — Nº 1 — julho/agosto 1981

Rio de Janeiro

PELA PAZ SOCIAL



Já trabalhei no SESI (Serviço Social da Indústria). Levava uma biblioteca ambulante aos bairros operários e emprestava livros aos trabalhadores e suas famílias. Achava meu trabalho um barato, pois o ônibus era um micro centro cultural, com cinema, som (conheci um funileiro que conhecia toda a obra de Vivaldi), microfone para debates. Nesse tempo, o SESI tinha um lema: PELA PAZ SOCIAL DO BRASIL, inventado pelos empresários, naturalmente. Além do plano cultural, tinha centros de saúde, manti-



nha escolas, etc. Pois, tantos anos depois, embalado no mar de onipotência que tomou conta dos empresários deste país, o SESI deu para demitir seus antigos funcionários. Professores com mais de 25 anos de serviço vão para o olho da rua. Velhos servidores que embranqueceram os cabelos trabalhando para a instituição recebem o boné. Um grande número deles já completou 50 anos e nossa pátria amada não tem seguro-desemprego. Vão fazer o quê? Essa paz social deve ser a paz dos cemitérios — HELONEIDA STUDART.

UM DIA NA VIDA DE QUEM LUTA PELA DEMOCRACIA

A cada dia, quando acorda, o deputado da Oposição (no caso, a deputada) corre a tomar o pulso da abertura. E se pergunta: como andará a pulsação da abertura? Será que dá para crescer e virar Democracia? É como ninguém aguenta mais viver respirando tão mal, nesse ar sem oxigênio do autoritarismo, como ninguém aguenta mais a carestia, o desrespeito aos pobres, a repressão aos operários, o acinte às donas-de-casa, o parlamentar sai para a ação. Que, sem luta, não chegaremos à Democracia. Os homens dão, todos os dias seu recado: o regime veio para durar 1.000 anos, feito o do sr. Adolfo Hitler. É do nosso esforço que depende mudar essa vergonha de acordar de manhã e olhar no espelho a cara de cidadã de segunda classe; de chegar à rua e ver mendigos sob a marquise; de cruzar a esquina e encontrar crianças esmolando.

E aí começa o dia de um parlamentar democrata. São seis da manhã e o telefone já tocou. Está havendo um despejo em Campo Grande. "Venha para cá que a polícia quer bater na gente". E lá se vai a gente no rumo de Campo Grande, onde a vida é dura

e despojada, onde cada qual só se esforça pelo direito de não perder o teto e o prato de comida. No regresso, tem mais recado: é preciso correr a Xerém, no pé da serra, pra dar apoio aos grevistas da FIAT. Os dirigentes sindicais já foram. Mas os metalúrgicos querem a cobertura dos seus parlamentares. Não sabem quanto essa

cobertura é frágil, pois o único poder da República — o poder biónico — não se importa com o Poder Legislativo. Na volta, já passou a hora do almoço. Mas é ocasião de se inscrever para falar na Assembléia Legislativa. Quem não chega cedo, sobra. Ali, da velha tribuna, denuncia-se ao povo as violências, as arbitrariedades, os abusos. A gente sabe que na imprensa não sairá nada. O melhor da imprensa fica na cesta ao lado da mesa dos jornalistas. Como acusar a Vepplan de tentar destruir Maricá? Quem, depois, vai pagar anúncio? Como publicar que os manguezais do Rio estão sendo destruídos pela especulação imobiliária? As imobiliárias são as grandes clientes dos jornais. Deputado do PMDB, não. Deixa na geladeira, como diz aquele co-

lunista. E aí o telefone toca: é o Heraldo da Federação dos Trabalhadores da Agricultura dizendo que os proprietários de terra estão desfazendo, na prática, a desapropriação da Fazenda São José da Boa Morte. Talvez a gente deva ligar para o bispo.

Os bravos bispos que defendem os trabalhadores através da pastoral da terra. Mas o próprio Dom Waldir já está preocupadíssimo: a crise se aproxima de Volta Redonda. E Volta Redonda é marcada na agenda da deputada de Oposição. Esse é um dia na vida de uma parlamentar democrata. E mais: quando se passa, no velho

Opala preto, em pleno domingo de sol para ir à favela, tem sempre uma moça indo à praia que diz: "Curtindo a mordomia, heim?" É: vamos curtir a mordomia ao lado dos que não tem esgoto, nem luz da Light, nem a comida pros filhos. E que só obterão tudo isso quando conseguirmos a Democracia.

Heloneida Studart

Heloneida Studart, Deputada Estadual

Assembléia Legislativa

Anexo Gabinete 304 (Tel.: 224 70 40)

PMDB

PRESTAÇÃO DE CONTAS

Encontrei, no centro da cidade, um irrequeto eleitor que foi logo perguntando: "O que você tem feito do mandato que lhe dei?"

O seguinte

Mais de 100 discursos foram pronunciados por mim da velha-tribuna da Assembléia Legislativa. Blá? Blá? Blá? Não. a) apoiando os metalúrgicos do ABC em sua greve histórica; b) defendendo os bancários em luta por melhores condições de vida; c) em solidariedade aos professores grevistas e em defesa de sua entidade, o CEP; d) apoiando os médicos empenhados em obter mais verbas para a saúde e salários dignos. Louvando as mães da Praça de Maio. Exigindo a implantação de creches nos bairros e empresas. Repudiando a visita do ditador argentino Videla. Reivindicando postos de saúde para as favelas. Opondo-me à remoção dos moradores do morro do Borel. Apoiando posseiros do Estado do Rio. Defendendo Trindade contra a espoliação das multinacionais hoteleiras. Colocando-me contra a derrubada de árvores e do conjunto residencial da autoria de Ready, sacrificado no projeto atual da via Lagoa-Barra. Pronunciando-me contra o terrorismo que abateu dona Lyda Monteiro na OAB e Ribamar de Freitas na Câmara dos Vereadores. Defendendo a imprensa alternativa e as bancas de jornais contra as bombas. Denunciando a carestia e o desemprego. Desmascarando a farsa do Riocentro e exigindo eleições livres em 1982.

Estive presente em todas as assembleias de categorias em greve (bancários, professores, médicos). Em todas as reuniões de reivindicação salarial: funcionários do Estado, aposentados em luta por paridade, procuradores buscando remuneração decente.

Compareci às favelas da Rocinha (para defender sua associação de moradores contra as manobras chaguitas), à favela da Formiga no dia em que começaram a remoção, obtendo (ao lado da advogada da Pastoral) o laudo da Geotécnica que impediu a erradicação dos barracos. Atuei no morro de São Carlos e na favela do Escondidinho, com grupos de mulheres, no sentido de debater carestia e planejamento familiar. Levei a essas favelas, métodos anti-concepcionais,



Ajudei a fundar o grupo de ecólogos em Defesa do Jardim Botânico. Fui a Trindade (no dia do despejo dos posseiros) e ao Tribunal que julgava sua causa. Compareci às manifestações em defesa do prédio da UNE, onde foram golpeados deputados do PMDB e o deputado do PT, José Eudes. Fui à vigília que os parlamentares da Oposição realizaram na Assembléia Legislativa de São Paulo, durante a greve dos metalúrgicos do ABC, ao Encontro Popular pela Saúde e a todos os de Mulheres. Compareci ao Encontro dos Trabalhadores Rurais de Cachoeiras de Macacu, para me solidarizar com sua luta pela desapropriação da Fazenda São José da Boa Morte.

Indicações apresentadas:

- Por uma nova linha de ônibus para Realengo.
- Por instalação de água na Rua das Azaléas em Jacarepaguá (obtida).
- Por desratização e limpeza do Conjunto Habitacional de Engenho de Dentro (obtida). E outras, negadas pela administração.

Consegui uma verba na FUNABEM, através de sua antiga presidente, Ecléia Guazelli (leitora dos meus livros) para realização de um projeto bolado por membros e assessores da Associação dos Moradores de Vila Isabel. O prédio creche — escola primária — área de lazer, já está quase concluído. Em sistema de mutirão!

Projetos Lei:

- Pela obrigatoriedade de cursos de amamentação às gestantes atendidas nos postos de saúde municipais, estaduais e federais, evitando o aumento das doenças infecciosas nos

bebês e de mortalidade infantil.

— Pela instauração do pagamento de meia-passagem para todos os servidores e operários que ganhem até dois salários-mínimos.

— Para que seja vetado a qualquer empresa estrangeira o direito de interferir na política de controle da natalidade do Estado do Rio de Janeiro (um pau na Benfami!) etc, etc.

Sim, eleitor, poderíamos apresentar dezenas de outros projetos-leis. Mas nenhum que signifique despesa é aprovado na Comissão de Justiça.

Deputado não pode legislar (se isso causar gastos) desde 68, ou seja: desde a morte da Democracia!

Os projetos têm que ser como o que estou elaborando sobre a Lagoa Rodrigo de Freitas, proibindo tocar na Lagoa. Isso não gasta um centavo e permite o sistema energético daquela laguna linda se recompor por si mesmo.

Fiz dezenas de conferências sobre a condição feminina dentro e fora do Rio. No Ceará (onde ficou fundado o Centro da Mulher Cearense), em Juiz de Fora (Centro de Estudos da Mulher Mineira), em Belo Horizonte, Caxias do Sul, Florianópolis, Goiás (Centro da Mulher Goiana), Salvador, Feira de Santana.

A mais longe foi em Milão, a convite da Associazione Donne Brasiliane e Italiane. A mais perto em Guadalupe, entre bolinhos de batata fabricados pelas debatedoras!

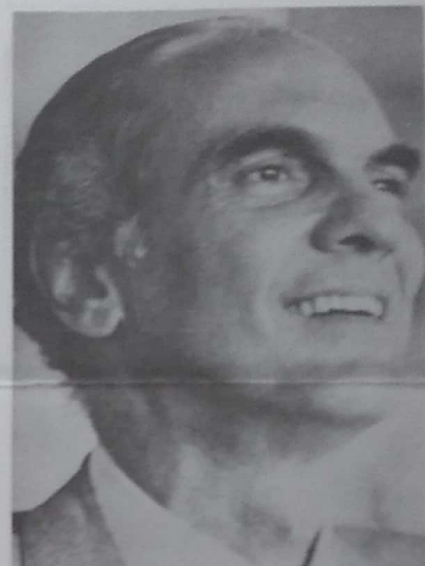
Só dei um título de cidadão honorário a Dra. Graziela Maciel Barroso, uma das maiores botânicas do mundo e que cuida do nosso Jardim Botânico.

Foi o que pude fazer. Mais democracia e farei muito, muito mais!

PORQUE SATURNINO

O meu Partido, o PMDB dos resistentes, dos que não afundaram no mar do despotismo e da corrupção — escolheu Roberto Saturnino Braga para seu candidato, em 1982. Sem dúvida, primeiro temos que chegar lá: às eleições. As bombas do Riocentro foram contra elas. Queriam tapar a abertura com a fumaça e sangue e dissolver o calendário eleitoral, deixando-nos o risco de recair no pesadelo da ditadura. As bombas do Riocentro foram contra as forças democráticas, que querem derrotar o autoritarismo pelo voto. Para liderar a bandeira do voto contra o autoritarismo, o PMDB tem Saturnino como candidato. Um democrata e homem íntegro. Digo, democrata antes de dizer administrador de grandes qualidades, porque acho mais importante ser militante da democracia do que qualquer outra coisa. Precisamos vencer as eleições com candidatos democratas em São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Rio de Janeiro — isso significa ter condições de consolidar as conquistas democráticas do povo e salvar a nação do retrocesso e do golpismo. Quem não se lembra do papel dos governadores reacionários no trágico

março de 1964? Eles deram mão torce à insubordinação militar que derubou o governo constitucional de João Goulart. Se Menegheti, no Rio Grande, Magalhães Pinto, em Minas, Carlos Lacerda, no Rio, e Ademar de Barros em São Paulo, não tivessem apoiado a conspiração e dado curso ao golpe, talvez, hoje estivessemos curtindo um regime aberto, com presidente eleito, governadores eleitos, sem ter pago o preço em sangue, violência, entrega de riquezas a multinacionais, etc. É preciso resgatar erros desse tipo. Optar pela democracia de uma vez por todas. Por isso, escolhemos Saturnino. Ele está comprometido com o programa democrático do PMDB. Ninguém entrará em sua casa para convidá-lo a bater às portas dos quartéis. Ninguém o converterá a golpismos. Não lhe falta a coragem dos serenos, assim como tem a coerência dos tranqüilos. Economista valoroso, conhece os problemas do Rio de Janeiro e sabe que este Estado tem alternativas. Que ela pode ser salva — ainda — sem projetos mirabolantes. Suas prioridades se dirigem para os problemas das populações pobres: transportes coletivos,



urbanização de favelas, defesa das pequenas empresas, postos médicos, escolas, creches. Ele não quer acabar com o Rio de Janeiro em favor das empresas imobiliárias! Saturnino mostrará que a nossa cidade e o nosso Estado ainda podem ser salvos. E sendo um homem aberto e leal, pode ser o governo da mais ampla frente democrática. Em suma: um governador capaz de governar o Estado com o apoio da maioria da população.

QUEM SAI GANHANDO COM OS AUMENTOS DO LEITE

Venho falar hoje do mais primitivo dos temas e quem sabe, o mais importante.

Hoje, no Brasil, o leite alcança preços, que vão às alturas, às galáxias; hoje o leite de terceira, aquela confusa mistura de água, talco e alguma coisa, que cheira a tudo, menos leite, alcança 43 cruzeiros.

Recentemente, nesta Casa, apresentei Projeto de Lei que tornava obrigatório, em todos os postos municipais e estaduais o curso compulsório de alimentação, para que as crianças brasileiras voltassem ao seio de suas mães e saíssem da proximidade venenosa e virulenta do leite em pó, do leite das multinacionais.

Como essas mães, que não tomam leite, poderão amamentar seus filhos? Como essas mães desnutridas poderão ser nutritivas? Como essas mulheres, que já não têm acesso àquele alimento primordial à saúde de qualquer povo, podem criar no peito os brasileiros de amanhã?

Há países, muito mais pobres do

que o Brasil, onde o litro de leite é dado diariamente a todas as crianças até 9 anos de idade; são países que têm como temos, o oitavo Produto Interno Bruto do mundo. Na realidade, nosso modelo é todo planejado para enriquecer apenas os grupos privilegiados, que circundam o poder, multinacionais e monopólios, não se importam com o pequeno produtor, menos ainda com a infância do país. Este é um país de jovens que não têm como tomar leite, muito menos os derivados mais nobres. Quem for ao supermercado, verá o queijo desnatado a Cr\$ 500 cruzeiros o quilo; verá todos esses alimentos essenciais fora do bolso, não da classe operária, que faz a riqueza deste país, mas de pobre e flutuante classe média. Vemos crescer o contingente dos idiotizados, dos debilitados, dos enfraquecidos daqueles que começam a andar cada vez mais tarde, crianças que, aos 2 anos, estão no colo de suas mães por falta de nutrientes e por ausência de proteínas. Vemos os jovens, que

não conseguem aprender nos bancos escolares, porque os seus neurônios foram definitivamente afetados por alimentação precária e deficiente. Já se sabia que no Brasil, este país que ostenta tantos centros de riqueza, de suntuosidade e de desperdício, já se sabia que, no Brasil, a média das crianças toma apenas, por dia, uma colher de sopa de leite. No meu Nordeste a maioria das crianças sobrevive hoje com um pouco de caldo de rapadura, misturado com o que resta de farinha, e essa mesma ração, segundo os cálculos dos mais otimistas, não durará mais do que 60 dias. Enquanto isso neste país, que não tem leite para suas crianças, se pensa em ambiciosos projetos nucleares; neste país, que não tem leite para seus filhos, se pensa na Ferrovia do Aço, e o maremoto de corrupção, que nos cobre, cega a todos, autoridades federais, estaduais e municipais para os problemas da saúde e da sobrevivência da população.

DIÁRIO OFICIAL - RJ



Antes, a gente tinha aquela impressão de que o Rio de Janeiro estava sofrendo uma praga de gafanhotos: o verde acabava e o que era folhagem e flor virava concreto e poeira. De vez em quando, ao se abrir o jornal, aparecia uma manchete: "Ecólogos defendem Lagoa ameaçada". Ou "moradores do Jardim Botânico vão à Justiça para defender a figueira da rua Faró". Mas, apesar da tristeza que esses episódios de insensibilidade causavam, ainda não havia a plena consciência da depredação que o Rio de Janeiro está sofrendo. Agora, há o alarme, há o pânico fluminense. A verdade é malassombrada: ninguém em nosso Estado está respeitando a lei federal que declara propriedade das populações as lagoas, as lagunas, os manguezais, os mangues. O Código Florestal proíbe que se dizime as florestas que são "da União"; e lá se vão as florestas para dar lugar aos espiões, aos horrendos viadutos. Vocês se lembram daquelas formosas 10.000 árvores que formavam um bosque ali na Gávea? Foram derrubadas para dar lugar à badalada via Lagoa-Barra que valorizará os empreendimentos imobiliários dos tubarões da construção civil. E a Lagoa Rodrigo de Freitas? Ninguém a defen-

dê contra os aterros progressivos, contra o entupimento dos seus canais que já não deixam entrar a maré que a limparia, ninguém a defende dos seus cais de cimento, próprios para destruir a vegetação das margens. E os manguezais do Rio de Janeiro? Os manguezais garantidores da fauna típica, da flora adequada, os mangues onde os pássaros nidificam, abrem as asas sobre nós? Tudo privatizado, depredado. Agora, cientistas lutam para fazer do manguezal do fundo da Baía da Guanabara uma estação de reserva ecológica; eu luto com eles; a FEEMA está de acordo. Conseguiremos? Da salvação de pelo menos este manguezal depende, quem sabe, a existência da própria Baía de Guanabara, tão bela, tão cantada em prosa e verso. Leis não faltam para defender flora e fauna. O que falta é a aplicação dessas leis. Qualquer Gomes de Almeida da vida pode mais do que, por exemplo, pescadores de Maricá, de Marapendi, de Trindade. Em Trindade, uma das praias mais lindas do Rio, nas proximidades de Parati, uma indústria multinacional hoteleira pode expulsar pescadores que ali moravam, geração após geração, guardando os mesmos hábitos. Nós, por falta de

democracia, não perdemos só nossa liberdade e nossa condição de nação civilizada; estamos perdendo também nossos rios, matas, animais silvestres. Eles — os biônicos, a serviço de capitais privados — nos tiraram não só o direito do voto, o salário digno, a segurança da cidadania. Querem nos tirar até a última gota de ar puro, até a última borboleta azul!

Como Presidente da Comissão de Controle do Meio Ambiente, ofereço a quem quiser lutar pela ecologia o meu gabinete. O telefone é 224-7040. Ao contrário das populações indígenas do nosso país, destruídas pela cobiça, não nos deixaremos destruir. Vamos resistir e defender cada folha verde.

Estamos todos no mesmo barco, continue enviando sua correspondência para Assembleia Legislativa, Rua 1ª de Março s/nº — Palácio Tiradentes — anexo gabinete 304 — Tel.: 224.7040 — Rio de Janeiro — Cep.: 20010